

## **Reforma Universitária, Universidade Nova e o Futuro da Psicologia**

Raquel S. L. Guzzo

A Universidade de qualidade, no Brasil, tem ficado restrita as camadas ricas. É preciso quebrar esse círculo.

As medidas do governo são polêmicas e podemos, posteriormente, debater a questão, mas gostaria de indicar alguns pontos.

Acredito que é mesmo necessário e imprescindível aumentar a verba destinada à educação superior. Com o que se empenha atualmente, não conseguiremos melhorar o quadro, apenas o manteremos. Portanto, a questão das verbas torna-se uma das mais importantes. Sem a ampliação de recursos, a busca das metas postas pelo PNE parece-nos inatingível. Se isso acontecer, correremos o risco da redução da qualidade. Hoje, gastamos em educação 3,9% do PIB. Não há dúvida de que é preciso aumentar este índice. Como ponto inicial, indico a luta pelo financiamento da educação.

Outra questão é o controle da educação. A educação deve funcionar como um sistema federal. As exigências e critérios que são feitos ao ensino público devem também ter aplicação no ensino privado. Outro elemento fundamental de nossa vigilância é a questão da pesquisa e da integração ensino-pesquisa-extensão. É preciso regulamentar a escola privada, de modo a pressionar e exigir qualidade.

Claro que um dos temas importantes é a qualificação do ensino básico, para garantir que os jovens cheguem ao final do ensino médio. Reduzir a mortalidade escolar em nosso país é prioridade zero.

As condições de trabalho dos professores são também um elemento importante. Dar acesso para a camada pobre à Universidade deve ser uma meta levada muito a sério por todos nós. Eu, particularmente, acho que o PROUNI, como medida urgente e imediata, possibilita isso, ajudando a mudar o cenário branco e de classe alta das escolas, em especial da Psicologia.

Não somos ingênuos em achar que a educação superior possa ser responsável pela transformação das condições desiguais de nosso país, mas, sem dúvida, a educação superior tem servido para proteger as elites e mantê-las resguardadas em seu lugar, hierarquicamente superior. Educação é sinônimo de apropriação de cultura e, portanto, é ferramenta de humanização e constituição de sujeitos. Um país que tem somente 10% da população entre 18 e 24 anos no ensino superior precisa tomar este aspecto como critério prioritário. Precisamos colocar nossos jovens no ensino superior! A Psicologia tem apontado os sentimentos de humilhação e de exclusão que aparecem em situação de desigualdade social, mostrando como as condições subjetivas são importantes e devem ser consideradas.

A desigualdade, como processo perverso que empobrece nosso conjunto humano, precisa ser reduzida, e uma das formas importantes de superação destes sentimentos/sofrimentos se dá através da escolarização. Uma educação de qualidade, que ofereça às crianças e jovens conhecimentos para ampliar sua capacidade de intervenção transformadora na realidade cotidiana, deve ser obrigatória, porque é direito de todos. Financiamento, controle social e missão da educação são temas importantes, que devem ser debatidos e estar atravessados pela questão da desigualdade e dos direitos. Sabemos que o diploma de formação superior não é garantia de melhores empregos e de melhoria de condições de vida, mas, do ponto de vista da produção de sujeitos, os psicólogos sabem muito sobre o fortalecimento pessoal resultante de uma conquista como a da educação superior. Nesse sentido, se queremos reduzir a desigualdade social em nosso país, uma das questões importantes torna-se a luta pela democratização do acesso à educação superior. Nossa busca deve ser pelo pleno acesso.

Reforma Universitária não é assunto só do campo da Psicologia, mas a Psicologia precisa enfrentá-lo, fazendo seu debate. A Psicologia comprometida com a sociedade, com os interesses da maioria da população, precisa de qual reforma? E agora, para finalizar, quero tratar especificamente da Psicologia, para falar um pouco da nossa reforma:

As nossas diretrizes curriculares, depois de anos de debate, foram aprovadas e estão sendo ainda implementadas. Os cursos estão em seu segundo ou terceiro ano de implantação.

Quais têm sido os desafios? Vamos a alguns deles:

- . A questão da pesquisa.
- . A presença da diversidade da Psicologia nos cursos.
- . A qualidade dos estágios.
- . E o projeto do compromisso social.

As diretrizes curriculares não garantem a presença da pesquisa nos cursos de Psicologia. É uma tarefa importante divulgarmos a necessidade da pesquisa nos cursos, para que todos, alunos e professores, possamos estar, em cada escola onde estivermos, lutando e reivindicando a possibilidade e a cultura da pesquisa.

A pesquisa não é exatamente uma atividade; igualmente, não é simplesmente uma atividade de investigação.

Pesquisa é cultura de curiosidade, de inquietude e de investigação. A Universidade é lugar de pergunta. Ela difere da religião exatamente neste aspecto. A religião tem certezas e todos devem aderir a elas. A ciência não: é lugar de dúvida. Por isso, quando terminamos nosso trabalho de pesquisa já estamos insatisfeitos com ele, pois, no processo de construir certezas, produzimos dúvidas. Nosso esforço de produzir visibilidade e inteligibilidade para a realidade à nossa volta leva-nos ao esforço da Ciência. Poderia nos levar a outro tipo de esforço, mas este da Ciência é um percurso sem ponto final. É diálogo permanente com a realidade em seu movimento. A Universidade não pode ser lugar de ensino de certezas, com o risco de ser tornar uma "igreja". Universidade é lugar de produção de dúvidas, e essa cultura instala-se quando o espaço é de pesquisa.

Um segundo aspecto é o da diversidade da Psicologia. Nossas diretrizes não garantem, sozinhas, essa questão. É preciso que estejamos atentos a isto. A Psicologia é diversa; só se aprende bem Psicologia quando se convive e se debate a partir dessa diversidade. São diferentes leituras que devem ser apresentadas e que devem estar em permanente diálogo, pois buscamos inteligibilidade para a realidade, que se movimenta.

Um outro aspecto é o dos estágios. As diretrizes ampliaram o espaço dos estágios no currículo, mas é preciso debater o que estamos entendendo por estágios. Um aprender a fazer? É a isso que se limita nossa concepção de estágio?

Estágio deve ser uma oportunidade de termos um contato problematizador com a realidade, a partir de nossos saberes e fazeres técnicos. Temos, muitas vezes, feito

um movimento invertido: aprendemos as técnicas e depois vamos para os estágios treinar a aplicação delas. Mas não devemos deixar que os estágios restrinjam-se a isso. Deveremos ser capazes de fazer dos estágios e das supervisões espaços de debate e de avaliação de nosso conhecimento. Não devemos nunca tomar a realidade como algo que não serviu para nós aprendermos, mas, ao contrário, deveremos tomar nossos saberes como não adequados para a realidade que se apresentou.

É preciso, aqui, que se reconheça que as diretrizes trouxeram excelente ajuda para que os estágios se diversificassem na Psicologia. Claro que isso não é uma conquista das diretrizes, mas elas reconheceram esse avanço e contribuíram para a transformação da realidade de estágio de nossos cursos.

Por fim, o projeto do compromisso social. Nossas escolas têm mantido uma tradição da Psicologia de se manter de costas para a realidade social. Temos pensado o sujeito a partir de concepções naturalizadoras que imaginam sempre uma estrutura e um dinamismo psíquico que se auto produz e se move por si só. A própria idéia de desenvolvimento tem carregado em si esta concepção: um sujeito dotado de potencialidades que, quando devidamente estimuladas, tornam-se capacidades. Estas concepções naturalizadoras têm nos dispensado de pensar a realidade social na qual os sujeitos estão inseridos. Toda essa tradição tem nos distanciado da possibilidade de contribuirmos, a partir da Psicologia, com a transformação social, com a construção de condições dignas de vida. É preciso rompermos com esta tradição, para buscarmos uma formação que pense o sujeito inserido em sua realidade social e que, portanto, crie as condições para a formação de um profissional comprometido com as urgências da sociedade brasileira.

Assim, vou terminando. Procurei refletir e me posicionar sobre uma Reforma Universitária guiada pelo acesso total e pela permanência na Universidade de jovens das camadas pobres da população. Procurei posicionar-me sobre a reforma dos cursos de Psicologia, defendendo uma formação para o compromisso social.

(2) Texto apresentado no XIV<sup>o</sup> Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), no Rio de Janeiro, 01/novembro de 2007, em mesa organizada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), com coordenação da Profa. Roberta Gurgel Azzi, presidente da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP).

(3) Dados do Censo apresentados pelo prof. Dilvo Ristoff, do INEP/ MEC, a partir do Censo educacional de 2005, em conferência proferida durante o VIº Encontro Nacional da Associação Brasileira de Ensino da Psicologia (ABEP), 6 a 9 de setembro de 2007, BH/MG

(4) Dados apresentados pelo prof. Dilvo Ristoff, do INEP/ MEC, a partir do ENADE, em conferência proferida durante o VIº Encontro Nacional da Associação Brasileira de Ensino da Psicologia (ABEP), 6 a 9 de setembro de 2007, BH/MG

(5) Dados apresentados pelo prof. Dilvo Ristoff, do INEP/ MEC, a partir do Plano Nacional de Educação (PNE), em conferência proferida no VIº Encontro Nacional da Associação Brasileira de Ensino da Psicologia (ABEP), 6 a 9 de setembro de 2007, BH/MG

(6) Dados apresentados pelo prof. Dilvo Ristoff, do INEP/ MEC, a partir do ENADE, no VIº Encontro Nacional da Associação Brasileira de Ensino da Psicologia (ABEP), 6 a 9 de setembro de 2007, BH/MG